



**O Lugar como *Arquitetura* e o Território como *Paisagem*.  
Uma leitura arqueológica das memórias da zona ribeirinha oriental de Lisboa**

Ana Nevado  
Paula André

### Introdução

O presente artigo propõe a apresentação de uma leitura crítico-arqueológica da zona ribeirinha oriental de Lisboa (ZROL). Esse território pós-industrial, vasto, complexo e não-central - repleto de ruínas, paisagens históricas, memória(s) e identidade(s) -, constitui uma paisagem cenográfica e imagética (Goula, 2006, p. 223). As estruturas matriciais (fundiária e cadastral) mantêm-se, sobretudo nas azinhagas rurais e inclusivamente nos antigos lotes industriais de grande escala. O “passado recente” requer uma leitura arqueológica que permita, por um lado, dissecar as camadas do território, e, por outro lado, considerar também as memórias urbanas - vivas e coletivas -, ainda que “invisíveis” ou subtis. Propõe-se a interpretação e a reelaboração da história da cidade (A. Rossi) mediante a manutenção da paisagem e da memória coletiva (Gomes, 2013, p. 25).

Não recusando projetos contemporâneos de regeneração urbana - antes apelando às memórias urbanas e geográficas e através da arquitetura enquanto *Ars memorativa* -, demonstra-se a ZROL como lugar arqueológico recente com uma narrativa aberta, *suburbana* (Marot, 2006, p. 19-28; Marot, 2012, p. 7; Vieyra, 2012, pp. 220-221). A sobreposição de temporalidades e de interações - entre cidadão, território e paisagem - permite estabelecer dinâmicas, aprendizagens e reciprocidades, numa perspetiva humanista do património (Kraus, 2012, p. 15). Seguidamente, analisamos o caso específico da zona ribeirinha oriental de Lisboa (ZROL), enquanto “testemunho vivo” das transformações urbanas, elaborando uma leitura crítico-arqueológica do lugar.

**Fig 1** Fotografia aérea da zona do Poço do Bispo, lado oriental do Porto de Lisboa. 1950. Arquivo Municipal de Lisboa.



**Caso de estudo****Zona Ribeirinha Oriental de Lisboa (ZROL)**

A cidade de Lisboa, implantada à beira do rio Tejo - um “mar marítimo”, de acordo com Matias Ferreira (1997, p. 27) -, é repleta de história e de transformações ao longo dos séculos, sendo notória pela sua capacidade de resiliência e de adaptação, incorporando também fatores naturais no seu território.

Especificamente, a ZROL localiza-se na área nascente da cidade e desenvolveu-se graças ao desenvolvimento industrial e à cidade pombalina, sobretudo a partir de meados do século XVIII, uma área marginal até então (Matos e Paulo, 1999, p. 4; Nevado, 2018, p. 11).

Inicialmente terá surgido como lugar de conventos e quintas de recreio/cultivo, pequenas indústrias manufatureiras que se foram implantando ao longo do rio, aproveitando os recursos naturais. Rapidamente a zona do Beato, de Xabregas e de Braço de Prata se transformou num centro industrial relevante na cidade, em contraponto com a área ocidental (Alcântara). Numa fase posterior, a transferência de diversas indústrias da zona ocidental (e.g.: Fábrica de Gás da Boavista) para a oriental (e.g.: Fábrica de Gás da Matinha/Petroquímica) proporcionou um equilíbrio funcional e urbano, balizando a cidade com esses arrabaldes produtivos, embora poluentes (ver Figura 1). E terá sido precisamente essa celeridade e implantação forçadas que alteraram substancialmente as malhas urbanas, criando grandes unidades e lotes industriais, num território anteriormente caracterizado por azinhagas rurais (à microescala, cujos vestígios ainda hoje se mantêm), e praias fluviais que acompanhavam a geografia costeira (ver Figuras 2-4).

**Fig 2** Azinhaga no Beato. Ana Nevado. 2017.



**Fig 3 (página seguinte)** Vista do núcleo antigo de Marvila. [s.d.]. Arquivo Municipal de Lisboa.

**Fig 4 (página seguinte, em baixo)** Vista da ZROL, na zona do Poço do Bispo, lado oriental do Porto de Lisboa, a partir do Rio Tejo. [s.d.]. Arquivo Municipal de Lisboa.



Mas o passado não remonta somente ao *antigo*, abrangendo também elementos recentes, tais como: as infraestruturas viárias e ferroviárias, os vestígios de complexos industriais (e.g.: Armazéns Abel Pereira da Fonseca – ver Figura 5; José Domingos Barreiro; Fábrica Braço de Prata; a Tabaqueira; A Nacional; etc.); e também habitacionais, ou seja, arquitetura banal/“sem autoria”, comumente encontrada na paisagem urbana da ZROL (ver Figura 6). Essa paisagem é enriquecida pela sua diversidade e pela demonstração inequívoca da sobreposição e da coexistência de temporalidades e “arqueologias urbanas” no mesmo território, que constituem “obras de arte” (Álvarez Álvarez, s.d., p. 50) mas exigem “manutenção”.

**Fig 5** Vista do antigo complexo fabril Sociedade Abel Pereira da Fonseca, no Largo David Leandro da Silva, em Marvila/Poço do Bispo. Ana Nevado. 2017.



**Fig 6** Vista de uma habitação desqualificada após benfeitorias, em Xabregas. Ana Nevado. 2017.



Neste contexto, por “manutenção da paisagem” compreende-se a intervenção corrente no parque edificado existente, através de obras de alteração e de benfeitorias, com vista, por um lado, ao incremento das condições de habitabilidade, e, por outro lado, à adaptação da envolvente às mudanças impostas. Não obstante, a par dos vestígios do passado (e.g.: Gasómetros, na Matinha), a ZROL contém diversos exemplos de transformação profunda atual, com obra nova/de raiz, de autor (e.g.: empreendimento habitacional “Jardins Braço de Prata” – ver Figura 7). Questionamos então como preservar a “memória coletiva”? A “memória coletiva” reporta-se à cidade enquanto bem comum e como testemunho passado entre gerações, onde a

**Fig 7** Vista da construção do empreendimento habitacional “Jardins Braço de Prata” (2ª Fase), em Braço de Prata. Ana Nevado. 2016.



preservação, a conservação e a valorização são imperativas. Assim, a arquitetura adquire uma *Ars memorativa*, sendo um testemunho vivo da passagem do tempo (ver Figuras 8-9). Embora o desenvolvimento da ZROL tenha sido eminentemente peri e suburbano, as ligações – visuais, físicas e mentais – no território, quer com a cidade, quer com o rio Tejo, constituem elos de ligação e redes urbanas. A história da cidade nem sempre é linear e óbvia. Os signos urbanos residem nos mais diversos elementos, desde os edifícios à envolvente em que se inserem, transmitindo uma “sinceridade patrimonial” e construindo “identidade[s] da paisagem” (André, 2013).

A questão da regeneração urbana nesta reflexão é decisiva, na medida em que se preconiza a “não-regeneração” como modo de intervir, ou seja, privilegiando a intervenção de carácter espontâneo, não planeado, embora não refutando os projetos e programas de iniciativa pública e/ou municipal já implementados no território (e.g.: *Hub Criativo do Beato*; etc.). O *lugar* é genuíno, tem capacidade de adaptação e de resiliência aos contextos da mudança, e, por isso, o próprio território deverá ser considerado também como *património* (Nevado, 2018, p. 255). Esse património é, no entanto, mutável e passível de adaptação, incorporando valências performativas; vejamos os casos concretos de Marvila e de Santa Apolónia, os quais, aquando do mega-evento da EXPO '98, e conseqüente processo de regeneração urbana, se transformaram e acolheram diversas iniciativas de reabilitação e de revitalização urbana. Deste modo, a participação pública, com cariz cívico (P. Geddes) é fulcral no processo transformativo, já que as relações estabelecidas entre indivíduo, território, tempo e memória(s) fundamentam a transformação, gerando compromisso e um sentido ético para com o território (André, 2013). É precisamente através de abordagens “anti-monumento” e do “não-lugar” (M. Augé), de modo antropológico e histórico (não necessariamente historicista), que o território da ZROL se poderá, metodologicamente e radiograficamente, ler e dissecar. A arquitetura banal e não-erudita (dita “corrente”) revela a essência daquele território, através da sua integração na paisagem urbana e construindo cenografias mutáveis. A título demonstrativo destacam-se alguns exemplos de arquitetura “banal”, não-erudita, de camadas populacionais com escassos recursos e reduzida capacidade económico-financeira, mas que se adapta e regenera de forma autónoma, espontânea e resiliente, inserindo-se uma malha urbana não planeada e com diferentes topografias (ver Figuras 2, 3 e 6). A passagem do tempo e as sobreposições de estilos/não-estilos são notórias, evidenciando vestígios desde o século XV (ver Figura 2), passando pela era industrial (ver Figura 10) e pós-industrial (ver Figura 9), até ao presente, criando uma paisagem urbana diversificada, imagética e cenográfica.

**Fig 8** Vista do viaduto e da Rua Gualdim Pais, em Xabregas. Arquivo Municipal de Lisboa.

**Fig 9** Vista do viaduto e da Rua Gualdim Pais, em Xabregas. Ana Nevado. 2014.



**Fig 10** Vista de um antigo complexo fabril em ruínas, em Xabregas. Francisco Bugalhão de Campos. 2014. FA-UL.



Destacamos a Rua do Açúcar / Beato / Grilo (ver Figura 11) – um eixo urbano planejado e de gênese industrial, pontuado por antigos complexos fabris e demais arquitetura “sem autoria” –, marcante na área urbana em estudo, em contraponto com a Rua de Marvila (ver Figura 3), localizada a uma cota mais alta, com um caráter eminentemente habitacional, vernacular e de escala reduzida. Embora sejam pontuadas

<sup>1</sup> À exceção do complexo fabril “A Nacional”, na Rua do Açúcar; da Manutenção Militar, na Rua do Beato; do Convento do Grilo, na Rua do Grilo; e do Palácio Marquês de Abrantes, na Rua de Marvila.

por edifícios de arquitetura “banal”/ não-eruditos<sup>1</sup>, ambas são cruciais na estruturação do território e na perduração de memórias da cidade até ao presente.

Mas a autenticidade do território é

também visível na natureza que ainda impera, tais como nos vazios urbanos não tratados artificialmente (ver Figura 12), nos acidentes topográficos e nas hortas urbanas (ver Figura 13) e até nas ruínas invadidas pela natureza (ver Figura 10). Essas membranas biológicas, permeáveis e porosas permitem, por um lado, adaptar-se e aceitar a transformação, e, por outro lado, ressignificar os lugares, construindo assim um conjunto único e mutável mediante a passagem do tempo.

Os “vazios urbanos” com coberto vegetal natural são também importantes e dignos de valorização, considerando a permeabilidade que permitem nas parcelas de terrenos urbanos. As recentes operações de regeneração, reabilitação, revitalização e requalificação urbana no território subdividem-se em duas principais tipologias: construção nova/ de raiz (e.g.: empreendimento habitacional *Prata Riverside Village* / “Jardins Braço de Prata”, da autoria do Arq.º Renzo Piano, localizado à beira-rio; *Prateato*, um conjunto de novos *lofts* de habitação, no *core* de Marvila) e adaptação das pré-existências (e.g.: *Hub Criativo do Beato*, nas antigas instalações da Manutenção Militar; melhoria de habitações de particulares, de forma espontânea; refuncionalização de espaços, tais como inclusão de restauração em antigos armazéns e edifícios fabris; etc.). A relação entre *tempo* e *memória* é notória em ambas as abordagens pelo modo como se integram e interagem no lugar, gerando sentimentos de pertença, significância e identidade nas populações locais. A paisagem é, assim, democratizada e *histórica*, embora se afastando de um cunho *historicista* e do conceito de “palimpsesto” (Corboz, 2004, p. 21).

Não obstante a inevitabilidade de fenómenos segregativos (i.e.: *gentrification* ou de “nobilitação urbana”), os seus efeitos nefastos poderão ser minimizados através da integração urbana e de uma abordagem despretenhiosa (“antimonumento”). A diversidade e coexistência de usos também contribuem para essa integração e para a manutenção do lugar, garantindo uma vivência dos espaços ao longo do dia. As dinâmicas urbanas ultrapassam a microescala, estabelecendo relações com a cidade e com a área metropolitana, construindo também um “mapa mental” à macroescala. Assim, cria-se uma “coesão social” pelo elo de ligação formado ao longo de uma dada paisagem, tendo como denominador comum a questão do *património* (Sá Fernandes 2019, p. 8). Esse património é abrangente e identitário, não sendo necessariamente erudito (ver Figura 14), tornando-o singular, *autêntico* e a preservar.

**Fig 11** Vista de um exemplo de arquitetura “banal”, em avançado estado de degradação/ruína, e do complexo fabril “A Nacional”, na Rua do Açúcar/Beato. Ana Nevado. 2016.



**Fig 12** Vista de um “vazio urbano”, invadido por coberto vegetal natural, contíguo à Rua do Açúcar. Ana Nevado. 2016.



**Fig 13** Vista de uma “horta urbana” e do núcleo de Marvila/Beato/Poço do Bispo, a partir de Xabregas. Ana Nevado. 2014.



**Fig 14** Vista de uma habitação desqualificada após benfeitorias, em Xabregas. Ana Nevado. 2017.



## 2

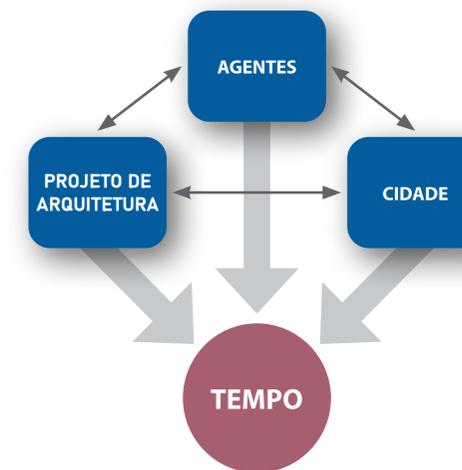
### Proposta conceptual

Metodologicamente, propõe-se uma leitura do contexto com vista a estabelecer um diálogo com o existente e com os agentes implícitos no ato transformativo (e.g.: populações locais) e que se relacionam diretamente com o mesmo (Frías, 2013, p. 161). O projeto de arquitetura deverá integrar-se naturalmente no tecido urbano, criando obras “autênticas” e de “síntese espaço-temporal”, tal como D. Pikionis defendia (Álvarez Álvarez, s.d., p. 49). Consequentemente, essa abordagem sensível ao território e ao contexto requer a consideração quer dos elementos naturais, quer os artificiais, buscando um equilíbrio na cidade contemporânea.

Mas essa relação afetiva com o território apenas será possível através da criação de elos identitários numa tríade (i.e.: “projeto de arquitetura” – “agentes” – “cidade”), em conjunto com o fator “tempo”, conforme o diagrama *infra*. Sob uma perspectiva *arqueológica*, considerando as memórias do lugar e a evolução dos seus usos e dinâmicas urbanas, a intervenção arquitetónica e urbana é, *per se*, um modo de dar a conhecer o contexto em que se insere. Para o efeito, definem-se cinco pontos fundamentais a considerar em abordagens crítico-sensíveis do *lugar*:

- O conceito de *genius loci* (Norberg-Schulz, 1997, p. 6), focando o lugar não somente como suporte, como também agente ativo e modelador de espaços, temporalidades e memórias coletivas;
- A *reflexão crítica sobre a dialética passado-presente*, relacionando *tempo e memória*, os “sistemas permeáveis” e a “porosidade” dos territórios (Dematteis, 1995, p. 57; Sennett, 2013; Blümer, 2017, pp. 59-70);
- A *cidade contemporânea como “antimonumento” e “não-lugar”* (Augé, 2004, p. 75-76), permitindo uma maior abrangência e integrando os casos urbanos e de arquitetura aparentemente “sem valor”;
- A *participação cívica*, preconizada por P. Geddes, decisiva para a (re)construção de territórios urbanos, elogiando relações afetivas e sensoriais entre população e território (Meller, 1990, p. 44; André, 2013).

**Fig 15** Diagrama conceptual. Ana Nevado/Paula André. 2021.



No âmbito dos conceitos de “integração urbana”, de “resiliência” e da “cidade porosa” (defendida por B. Secchi e de P. Viganò (Valva, 2011, p. 151; Valva, 2016, pp. 56, 60), salientamos a *biopolis* (Welter, 2002, p. 187-191) como possível caminho evolutivo da cidade contemporânea (ver Figura 10). Por outro lado, a questão da permeabilidade poderá ser analisada sob duas vertentes, relativamente:

- a) ao “contágio” urbano, através da introdução de novos usos e da refuncionalização de espaços (e.g.: mediante operações de revitalização urbana), desde que os IGT e demais parâmetros urbanísticos aplicáveis/ em vigor assim o permitam (particularmente, o Plano Diretor Municipal de Lisboa – PDML 2012);
- b) à própria superfície vegetal ponderada de cada parcela, devendo o solo da mesma ser totalmente coberto com solo vegetal, sendo, por isso, permeável e permitir a infiltração de águas pluviais, enquadrando-se também na Estrutura Ecológica Fundamental (PDML 2012).

Deste modo, os “vazios urbanos” – espaços vagos naturais ou artificiais, decorrentes de operações urbanísticas de demolição, deixando o solo vegetal a descoberto -, são também muito relevantes na articulação dos sistemas biofísicos da cidade. Assim, através da “não-regeneração” da cidade contemporânea, busca-se a preservação de uma sinceridade patrimonial que contribua para a sua valorização. Finalmente, seguem-se algumas considerações finais.

## Considerações Finais

Através da manutenção da paisagem urbana, acolhendo a transformação mas integrando-a nas pré-existências, a história da cidade vai sendo (re)construída, resultando numa “sinceridade patrimonial” e de *Ars memorativa*. Tal como demonstrado, a ZROL não é exceção e constitui um testemunho vivo da sobreposição de memórias, temporalidades e dinâmicas na cidade contemporânea que merece experienciar. Enquanto lugar arqueológico-urbano, o seu passado é maioritariamente recente e pós-industrial. O seu território é, também, *património*, sendo a arquitetura “banal” (i.e.: o *bem comum*) a protagonista. Assim, deverá ser valorizado através da refuncionalização e da adaptação à mudança, e as suas camadas dissecadas e interpretadas em prol do presente, sem existirem necessariamente processos de regeneração urbana. Valoriza-se, por esta via, a intervenção espontânea, criando uma diversidade e regeneração “natural” do território. Embora não se pretenda ditar regras ou receitas de análise, a leitura metodológica proposta da ZROL recai sobre a “arqueologia da(s) memória(s)” (i.e.: geográficas, urbanas, etc.) da cidade contemporânea, através da relação - integrada e integradora – entre a arquitetura e a paisagem urbana. Mas a paisagem é também um fator e motor de coesão social (Sá Fernandes, 2019, p. 7), onde a intervenção dos agentes do processo transformativo (de onde se destacam as populações locais) é determinante para a *identidade* do conjunto. Conclui-se que a resignificação dos lugares abrange, implícita e reciprocamente, uma estreita relação simbiótica entre paisagem urbana, arquitetura, território, cidadão e a passagem do tempo (Kraus, 2012, p. 15), passando “do património ao bem comum” (Sgard, 2010, p. 2).

## Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ ÁLVAREZ, Darío, “El paisaje como obra de arte total. Dimitris Pikionis y el entorno de la Acrópolis”, *RA*, s.l., s.n., s.d., pp. 37-50.
- ANDRÉ, Paula, “Por uma pedagogia do território: resgatar o conceito «civics» de Patrick Geddes”, *PARA UMA ÉTICA DO TERRITÓRIO, 3º SEMINÁRIO INTERNACIONAL “ARQUITECTURAS DO MAR”*. ATAS, Lisboa, Faculdade de Arquitetura- Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL)/CIAUD, 2013.
- AUGÉ, Marc, *Los no lugares: espacios del anonimato: una antropología de la sobremodernidad*, Barcelona, Ed. Gedisa, 2004.
- BLÜMER, Mariana Piovan, *Porosidade urbana: continuidade, descontinuidade e ação na cidade contemporânea*, São Paulo, Pontificia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias (Tese de Doutorado), 2017.
- CORBOZ, André, “EL TERRITORIO COMO PALIMPSESTO”, RAMOS, Angel Martín. *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Universitat Politècnica de Catalunya. 2004, pp. 1-22.
- DEMATTEIS, Giuseppe, *Progetto Implicito. Il contributo de la geografia umana alle scienze del territorio*, Milão, Franco Angeli, 1995.
- FRÍAS, Laura Gallardo, “Lugar y arquitectura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar”, *arquitecturaRevista*. Vol. 9, nº 2, 2013, DOI: 10.4013/arq.2013.92.09, pp. 161-169.
- FRÍAS, Laura Gallardo, *Metodología de análisis del contexto. Aproximación interdisciplinar*, Artigo, s.d., pp. 1-18.
- GOULA, Maria, *LOS OTROS PAISAJES; lecturas de la imagen variable*, Departamento de Urbanismo/Ordenamento do Território da Universidade Politècnica da Catalunya, (Tese de Doutorado), 2006.
- GOMES, João Carlos Miranda e Silva Pereira, *As Cidades e as Políticas da Memória*. Lisboa, Instituto Superior Técnico (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura), 2013.
- KRAUS, Sabine, “Les principes geddesiens pour repenser la région. VIVENDO DISCIMUS EN VIVANT NOUS APPRENONS. Célébration d’un monument et des hommes qui l’ont rendu possible : Un lieu de vie d’où la nature est expérimentée comme source de sens et comme objet de science”, *Journées d’études au Collège des Écossais*, 2012, pp. 1-26.
- MAROT, Sébastien, “El suburbanism y el arte de la memoria”, *Land&ScapeSeries*, Editorial Gustavo Gili, 2006, pp. 19-28.

MAROT, Sébastien, “From the Art of Memory to the Art of Hope: A Little Odyssey”, *Curso de “Construction and History of Cities and Landscapes: Transformation, Permanence, Memory”*. School of Doctoral Programmes – Politecnico di Milano, Milão, 2012, p. 7.

MATIAS FERREIRA, Vítor, *Lisboa, a metrópole e o rio: centralidade e requalificação das frentes de água*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 1997.

MATOS, José Sarmiento de, PAULO, Jorge Ferreira, *Caminho do Oriente: Guia Histórico I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

MELLER, Helen, *PATRICK GEDDES. Social Evolutionist and City Planner*, s.l., Routledge, 1990, p. 44.

NEVADO, Ana, *Da expansão à recentralização – do território ao património. A regeneração urbana da zona ribeirinha oriental de Lisboa (1964-1994)*, Lisboa, Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Tese de Doutorado em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos), 2018.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *L’Arte du lieu: architecture et paysage, permanence et mutations*, Paris, Le Moniteur, 1997.

Plano Diretor Municipal de Lisboa (2012), aprovado em 24 de julho de 2012 pela Deliberação n.º 47/AML/2012, publicado pelo Aviso n.º 11622/2012 no Diário da República, 2.ª Série – n.º 168 de 30 de agosto de 2012, alterado por adaptação pela Deliberação n.º 347/CM/2020 de 2 de julho de 2020 e republicado através da Declaração n.º 70/2020, publicada no Diário da República, 2.ª série, nº 173, de 4 de setembro de 2020, retificado através da Declaração de Retificação n.º 703/2020, publicada no Diário da República, 2.ª Série – n.º 202 de 16 de outubro de 2020.

SÁ FERNANDES, José, “Paisagem e Coesão Social em Lisboa”, *Museu da Paisagem, Narrativas e Experiência do Lugar*, Lisboa, IPL, 2019, pp. 7-10.

SENNETT, Richard, *The Open City*, 2013. <https://www.richardsennett.com/site/senn/UploadedResources/The%20Open%20City.pdf>

SGARD, Anne, “Le paysage dans l’action publique : du patrimoine au bien commun”, *Développement durable et territoires. Économie, géographie, politique, droit, sociologie*, Paysage et développement durable, Vol. 1, nº 2, 2010. DOI: 10.4000/developpementdurable.8565, pp. 1-18.

VALVA, Milena D’Ayala, *As ideias-guias de Bernardo Secchi, Pós*, Vol. 23, nº 40, pp. 48-64. outubro 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v23i40p48-64>, pp. 48-64.

VALVA, Milena D’Ayala, *DA RENOVATIO URBIS À CIDADE POROSA. Um laboratório para a cidade contemporânea*, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração em Projeto, Espaço e Cultura), 2011.

VIEYRA, Leticia Sánchez, “Suburbanismo y el arte de la memoria. Sébastien Marot”, 2012, DOI: <http://dx.doi.org/10.22201/iee.18703062e.2010.97.2324>, pp. 219-224.

WELTER, Volker M., *biopolis. Patrick Geddes and the City of Life*, Cambridge, Massachussets/London, England, The MIT Press, 2002, pp. 187-191.